

A transformação do espaço de produção das panelas de bairro de Goiabeiras a partir da urbanização, do associativismo e da patrimonialização

Simone Campos Pires¹

Resumo: Este artigo é referente à “Pesquisa de Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil ao Ofício das Panelas de Goiabeiras” da qual participei como pesquisadora e colaboradora durante a primeira prática supervisionada desenvolvida em Vitória, Espírito Santo, no Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)². O artigo compartilha a experiência da pesquisa bibliográfica e, especialmente de campo sobre o universo das panelas de Goiabeiras, seu ofício, os espaços de produção e as transformações sofridas, trazendo as percepções enquanto arquiteta e urbanista de formação, tocada pelo patrimônio cultural nacional e especialmente capixaba. O modo de fazer panelas de barro pelas panelas de Goiabeiras é centenário, artesanal, originalmente passado de mãe para filha e foi registrado como patrimônio cultural nacional em 2002 pelo Iphan.

Palavras-chave: Panelas. Goiabeiras. Patrimônio cultural. Iphan. Espírito Santo.

Abstract: This article is related to the Revalidation³ research about the Brazilian cultural heritage title granted to the way of doing handmade clay pots in Goiabeiras⁴, in which I participated as a researcher and collaborator. That was my first supervised activity developed in Vitória, Espírito Santo, during the Professional Masters in Conservation of Cultural Heritage at the Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). It shares the search experience and especially the field research in Goiabeiras about the universe of the “Panelas” of Goiabeiras, their metier, the production spaces of the handmade clay pots and the suffered transformations, bringing my perceptions as an architect and urban planner, sensitized by the Brazilian cultural heritage and especially Espírito Santo’s cultural heritage, on this occasion by the “Panelas”⁵ of Goiabeiras. The way to make clay pots by the “panelas” of Goiabeiras is centenary, handmade, originally passed from mother to daughter and registered as a national cultural heritage in 2002 by Iphan.

Keywords: Panelas. Goiabeiras. Cultural heritage. Iphan. Espírito Santo.

¹Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal de Santa Catarina, mestranda no Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Email: simonecpires@gmail.com

Artigo entregue ao Iphan como primeiro produto das práticas supervisionadas, uma exigência do programa de mestrado profissional.

²Minha participação se deu na segunda fase da pesquisa sob a coordenação de Carla Arouca Belas, doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

³After ten years of registration, the Institute (Iphan) needs to do its revalidation.

⁴Goiabeiras is a neighborhood in Vitória/Espírito Santo, Brasil.

⁵“Panelas” is the name used to refer to the women who dominate the technical of making handmade clay pots in Goiabeiras.

Experiência com a revalidação do registro das panelerias de Goiabeiras

Tenho como objetivo compartilhar parte da experiência vivida em 2015, enquanto mestranda em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Iphan locada na Unidade de Vitória/ES, relativa à Pesquisa de Revalidação do Título de Patrimônio Cultural do Brasil atribuído ao Ofício das Panelerias de Goiabeiras em 2002 pelo Iphan. A revalidação foi instituída juntamente com o registro de bens culturais de natureza imaterial no Brasil através do Decreto nº 3.551 de 4 de Agosto de 2000, conforme o Art 7º. Esta experiência de revalidação está sendo a primeira realizada pelo Iphan, assim como o próprio registro do ofício das panelerias de Goiabeiras que foi também um dos dois primeiros no Brasil e o primeiro a utilizar o método do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais).

Art. 7º O IPHAN fará a reavaliação dos bens culturais registrados, pelo menos a cada dez anos, e a encaminhará ao Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural para decidir sobre a revalidação do título de "Patrimônio Cultural do Brasil".

Parágrafo único. Negada a revalidação, será mantido apenas o registro, como referência cultural de seu tempo. (Decreto nº 3.551 de 4 de Agosto de 2000)

Recém-chegada a Superintendência do Iphan do Espírito Santo em Vitória para iniciar o programa de mestrado profissional, fui convidada a entrar como colaboradora na pesquisa, principalmente devido a minha formação em Arquitetura e Urbanismo e desta forma contribuir para a formação de uma equipe de trabalho multidisciplinar. A pesquisa já seguia para a sua segunda fase, após a troca da equipe de pesquisa, visando o aprofundamento de alguns aspectos necessários à revalidação do registro do bem. Assim, a segunda equipe, da qual fiz parte, tinha como objetivo complementar o trabalho realizado pela equipe anterior e concluir a pesquisa para ser entregue ao Iphan, segundo as normas do INRC.

Num primeiro contato da nova coordenadora da pesquisa, Carla Arouca Belas, com o material já produzido foi detectada a necessidade de aprofundamento e complementação, principalmente de informações coletáveis em campo, quando se julgou necessário rever as fichas produzidas pela equipe anterior, considerando a

complexidade deste tipo de pesquisa e do trabalho pioneiro de revalidação de registro.

A pesquisa, além de possibilitar uma complementação no material produzido na ocasião do registro e da primeira fase da pesquisa para a revalidação, tinha como objetivo principal identificar a atual situação do ofício, avaliando se ainda existe interesse dos detentores de continuar com o ofício e se ainda tem significado para eles. Aproveitando o ensejo, a pesquisa também iria contribuir para elaboração do plano de salvaguarda que deve ser exercitado continuamente pelo Iphan na esfera regional.

A pesquisa e o INRC

Inicialmente a equipe dedicou-se a leituras e discussões específicas sobre o tema das Paneleiras de Goiabeiras. Após este amadurecimento necessário, complementamos as fichas⁶ do INRC propostas pela primeira equipe e identificamos as lacunas existentes para nos prepararmos para ir a campo coletar as informações e aprofundar algumas questões cruciais para os procedimentos da atualização da compreensão deste universo, depois de passados 13 anos de seu Registro com patrimônio brasileiro. Na ocasião do registro do ofício em 2002 foram produzidas fichas do INRC, porém, neste momento em que era necessária a revalidação do registro, o Iphan/ES julgou-as incipientes e, portanto solicitou uma nova aplicação do INRC e também a produção de novas fichas. Tanto a primeira equipe quanto a segunda, da qual fiz parte, tiveram liberdade para propor as fichas necessárias para o aprofundamento sobre o tema, seu histórico e sua condição atual.

Como arquiteta, fiquei inicialmente responsável pelas fichas de edificação e lugares, relacionados diretamente com a produção de painéis ou com algum bem identificado como associado às paneleiras de Goiabeiras e seu cotidiano. Trabalhei na sua complementação e ilustração na forma de mapas, plantas, croquis e fotografias. Era necessário fazer a leitura e apreensão desses espaços, apropriados durante as diferentes etapas de produção das painéis de barro. Foi produzida uma ficha de edificação referente ao Galpão da Associação Paneleiras de Goiabeiras (APG), onde são produzidas e comercializadas as painéis, além de funcionar como

⁶O INRC dispõe de Anexos, dentre eles de Contato e Bibliografia, Fichas de Identificação, de Questionário e de Campo, que devem ser preenchidas para organização e sistematização dos dados coletados na pesquisa. São sete Fichas de Identificação: Sítio, Localidade, Edificações, Lugares, Celebrações, Ofícios e Modos de Fazer, Formas de Expressão.

sede da Associação. Quanto às fichas de lugares foram produzidas três referentes aos seguintes: o Manguezal de Goiabeiras (local de onde é retirada a casca da espécie *Rhizophora mangle* - mangue vermelho - para a produção do tanino⁷, que é a tintura utilizada na confecção das panelas de barro que concede a coloração escura e a impermeabilização); o Vale do Mulembá (onde está a jazida de argila, matéria-prima centenária utilizada para a produção das panelas); as Unidades de Produção Residencial⁸; e o Centro Espírita Nossa Senhora de Navegantes (palco de uma etapa dos festejos de São Benedito da Banda de Congo Panela de Barro⁹).

A edificação e os lugares elencados acima já haviam sido registrados em fichas pela equipe de pesquisa anterior e mantidos pela segunda equipe, porém o tema Unidades de Produção Residencial foi abordado de outra forma. Segundo Fukuda et al. (2015, p. 9) durante a pesquisa da primeira equipe foi aplicado o questionário denominado “Formulário do Diagnóstico Sociocultural” com vinte paneleiras de residência, das quais três delas foram também entrevistadas para compor as fichas de questionário de identificação do INRC.

A equipe anterior produziu uma Ficha de Edificação para cada Unidade de Produção Residencial, selecionando as três unidades entrevistadas, correspondente a três residências de paneleiras. Segundo o relatório “Organização e análise dos dados da 1ª. fase de pesquisa etnográfica” (BELAS et al., 2015b, p. 9), a nova equipe julgou que o mais adequado seria produzir uma única Ficha de Lugar abarcando todo o universo da produção residencial e não só apenas as três registradas anteriormente.

A Ficha de Lugar, em detrimento a Ficha de Edificação proposta anteriormente, foi escolhida para tratar deste tema tendo em vista que não era o caso de descrever as características arquitetônicas de cada residência onde são produzidas panelas, mas sim revelar este espaço de produção e como funciona no âmbito familiar, visto que uma mesma tipologia se repete nos modos de viver e produzir

7A casca do mangue vermelho é partida em pedaços, socada e coloca de molho em água por cerca de três dias. Após este procedimento o tanino está pronto (BELAS et al. 2016).

8Nova nomenclatura utilizada para identificar as paneleiras que permanecem produzindo as panelas de barro no quintal de suas residências mesmo depois de construído o galpão da APG. Antes conhecidas como paneleiras de fundo de quintal, expressão considerada por elas como pejorativa.

9Segundo consta no Terceiro Relatório Técnico produzido pela 1ª equipe de pesquisa, a Banda de Congo Panela de Barro entrou como bem cultural associado Ofício das Paneleiras de Goiabeiras por ter tradicionalmente uma ligação com a cultura do barro. A Banda de Congo é composta por senhoras e senhores da terceira idade, algumas delas são paneleiras e boa parte é descendente de paneleiras (FUKUDA et al., 2014, p. 20 e 21).

panelas naquela localidade. A ficha de lugar também deveria apresentar um mapa com a localização de todas as panelas de residência visando auxiliar na delimitação do território das panelas de Goiabeiras, destituindo o foco exclusivo constantemente dado ao Galpão da Associação.

Na preparação para ir a campo, planejamos o roteiro das visitas e desenvolvemos questionários referentes a cada assunto a ser abordado e que posteriormente viria compor cada ficha do novo INRC que estava sendo aplicado. Para planejar o roteiro, utilizamos como base dois trabalhos desenvolvidos anteriormente, “Cartografia Social dos ofícios tradicionais e das expressões culturais de Goiabeiras Velha”, parte do Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil desenvolvido por Almeida et al. (2010) e o Diagnóstico PromoArt: Cerâmica de Goiabeiras também de 2010. Além das fichas de edificação e de lugar que estive como responsável, era preciso aproveitar a oportunidade para coletar informações para as fichas de “Modo de fazer”, “Celebração” e “Expressão”. Acompanhada de minha colega de equipe, Luciane Freitas da Silva, realizamos a pesquisa de campo de maneira bastante satisfatória e devo dizer, acima das minhas expectativas.

A pesquisa de campo foi uma experiência bastante interessante e desafiadora para mim enquanto iniciante nesta prática. Foram entrevistas bastante íntimas, já que muitas vezes estivemos na residência das panelas, local também de produção das panelas. Além das respostas aos questionamentos previstos, ouvimos muitos desabafos e relatos sobre anos de ofício, compartilhados com facilidade conosco.

Fizemos inúmeras descobertas acerca do ofício, o qual a princípio era passado de mãe para filha, mas que hoje já é ensinado para outros aprendizes inclusive do sexo masculino. Também conhecemos as transformações sofridas na produção e no convívio entre panelas e artesãos - detentores do ofício das panelas do sexo masculino - após a criação da APG em 1987, as opiniões sobre a construção do Galpão e sobre o registro do ofício como patrimônio cultural nacional em 2002. Tomamos conhecimento das dificuldades atuais de acesso ao barro e demais matérias-primas, da falta de visibilidade e marginalização das panelas que produzem e comercializam em casa, da preocupação com a transmissão do saber, da atual relação de competitividade que se instaurou dentro do Galpão, de algumas inadequações da estrutura do Galpão às necessidades das panelas e dos problemas

internos da Associação, principalmente associados à gestão. Dentre os problemas enfrentados na Associação estão a falta de participação das paneleiras associadas, a falta de alternância e de possíveis privilégios da diretoria e a má distribuição de encomendas de painéis em grande quantidade, o que acarreta na terceirização de algumas etapas da produção ou até mesmo na sua totalidade (BELAS et al., 2015a, 2016).

Dito isto, vou me ater ao tema a que me propus a desenvolver nesta oportunidade. Conforme descrito no título, irei tratar especificamente do espaço de produção das painéis de barro em Goiabeiras, sob o olhar de arquiteta e urbanista e sensibilizada pela pesquisa de campo e pelo programa de mestrado a que me propus. As questões citadas poderão reaparecer sempre que relacionadas à transformação do espaço de produção.

O espaço de produção das painéis de barro de Goiabeiras

Goiabeiras é um bairro localizado na parte insular de Vitória, junto ao Manguezal de Goiabeiras, próximo à Universidade Federal do Espírito Santo e ao Aeroporto de Vitória, Eurico de Aguiar Salles, conforme pode ser observado na Imagem 1. As paneleiras utilizam o termo Goiabeiras Velha quando se referem ao lugar onde moram e produzem as painéis. O termo corresponde ao território simbólico das paneleiras e faz menção a um antigo e bucólico lugar que extrapola o atual bairro de Goiabeiras, definido oficialmente pela Prefeitura Municipal de Vitória, e engloba os locais significativos para aquelas/aqueles que detêm o modo de fazer painéis de barro, como o Vale do Mulembá¹⁰ e o Manguezal de Goiabeiras¹¹. É também uma forma de paneleiras e artesãos demarcarem o território e utilizarem este conceito para reforçar sua permanência e o caráter de singularidade de suas painéis de barro. Estes aspectos foram revelados nas entrevistas, realizadas principalmente

100 chamado Vale do Mulembá está dentro dos limites do Parque Natural Municipal Vale do Mulembá, criado pelo Decreto Municipal nº 11.505 de 26 de dezembro de 2002. Teve seus limites alterados em 2010 pela Lei Municipal nº 9.972 de 24 de julho, porém manteve a jazida de argila dentro da sua poligonal.

11Popularmente chamado de Manguezal de Goiabeiras, faz parte da Estação Ecológica Municipal Ilha do Lameirão criada pela Lei Municipal n.º 3.377 em 12 de julho de 1986.

com as paneleiras mais antigas do bairro¹², complementando o que já trazia Dias (2006a) e Simão (2008).

Nesta remota época, as paneleiras extraíam e traziam o seu próprio barro para os locais de produção através de canoas pelo Manguezal, muito diferente do que acontece hoje, conforme nos informou o “tirador de barro” e artesão Ronaldo, em entrevistas¹³ concedidas no âmbito da pesquisa de campo. Segundo Ronaldo Alves Correa, atualmente o acesso ao barro é controlado e restrito aos associados da APG. Apenas um grupo específico, formado pelos chamados “tiradores de barro”, tem acesso à jazida e se encarrega da extração e venda do barro para as paneleiras. O transporte é feito quinzenalmente através de um caminhão disponibilizado pela Prefeitura.



Imagem 1 - O atual limite de Goiabeiras e seus bairros vizinhos. Imagem aérea de 2012.
Fonte: <http://www.veracidade.com.br/> com destaque do Simone Campos Pires

Goiabeiras Velha era uma comunidade de paneleiras, pescadores e agricultores. A partir da década de 60 uma nova situação é estabelecida na região. Devido aos fluxos migratórios em direção às áreas urbanas do estado, em função da crise do café e da industrialização, Vitória sofre uma expansão urbana para a parte insular, onde está localizado Goiabeiras. A Imagem 2, imagem aérea da região em 1970, elucida a expansão urbana ocorrida nas imediações do território das paneleiras.

Além de uma nova configuração de bairros, a construção da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) iniciada na década de 60 (no centro da imagem),

¹²Dentre as paneleiras mais antigas entrevistadas entre os dias 29 de Outubro e 01 de Novembro de 2015 estão a Dona Lectícia Pereira Pinto (98 anos), Dona Conceição Gomes Barboza (85), e Dona Elizete Sales dos Santos (83 anos).

¹³Entrevistas realizadas no Galpão da APG no dia 18 de agosto de 2015 e no Vale do Mulembá no dia seguinte.

da faculdade MULTIVIX em 1999, a ampliação do aeroporto a partir da década de 70 e de inúmeras indústrias na Ponta de Tubarão trouxeram um grande adensamento populacional e uma nova dinâmica para a região. A construção da Avenida Fernando Ferrari também na década de 70, conectando as cidades de Vitória e Serra com passagem pelas UFES e aeroporto consolidou a nova distribuição territorial conforme pode ser observada na Imagem 3. (DOSSIÊ IPHAN 3, 2006; DIAS, 2006a; DIAS, 2006b; SIMÃO, 2008).



Imagem 2 - Goiabeiras em 1970, início da expansão urbana.
Fonte: <http://www.veracidade.com.br/>



Imagem 3 – Ocupação urbana de Goiabeiras. Imagem área de 2012.
Fonte: <http://www.veracidade.com.br/> com destaque do Simone Campos Pires

Em menores proporções que a Avenida Fernando Ferrari, os antigos caminhos tomaram formato de ruas, especialmente sinuosos no bairro de Goiabeiras (vide destaque na Imagem 4), O novo traçado foi determinante na configuração dos atuais espaços de produção. Pois bem, chegamos ao ponto crucial, os espaços de produção

das panelas de barro de Goiabeiras. Ainda que bastante uniforme os espaços de produção se configuravam conforme a organização de cada família detentora do ofício. Familiar é uma característica marcante deste ofício por dois motivos. Primeiro porque originalmente, e até hoje, é passado de mãe para filha (além dos novos aprendizes já mencionados, não necessariamente familiares e/ou mulheres) e segundo, porque é dentro do ambiente familiar que a maior parte das etapas de produção acontecia originalmente. Apesar das especificidades de cada família e de cada configuração de terreno, a produção de panelas de barro requer espaços semelhantes para cada etapa, todas realizadas de forma artesanal e com as expressões de cada paneleira e artesão.

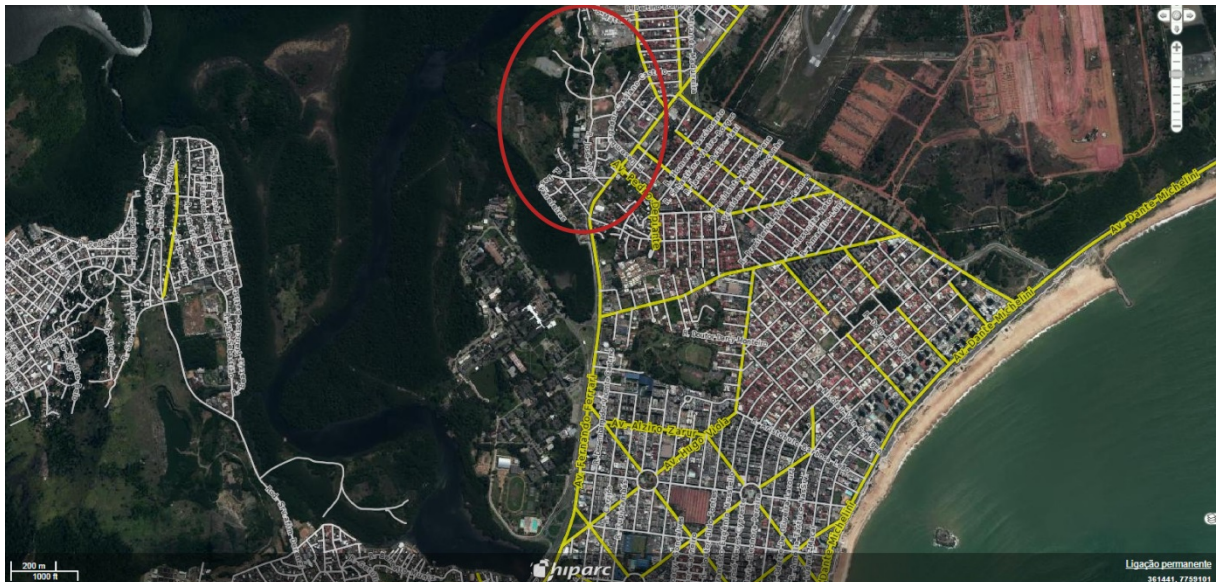


Imagem 4 – Traçado das ruas de Goiabeiras a esquerda da Av. Fernando Ferrari e bairros vizinhos. Imagem aérea de 2012.

Fonte: <http://www.veracidade.com.br/> com destaque do Simone Campos Pires

Vou aqui discorrer sobre a distribuição espacial e as dimensões, sobre os aspectos paisagísticos e funcionais, bem como sobre a organização social que interfere (e é mutuamente interferida) diretamente na configuração de três diferentes espaços de produção:

- O espaço original de produção de Goiabeiras Velha dentro do ambiente familiar.
- O espaço original ainda dentro do ambiente familiar adaptado à nova organização urbana e social do bairro.

- O espaço de produção constituído no Galpão da APG, após a instituição da Associação e a interferência de instituições públicas.

3.1 O espaço original de produção de Goiabeiras Velha

A compreensão deste espaço veio a partir de narrativas das próprias paneleiras, que durante as entrevistas trouxeram da memória momentos da sua infância em meio à produção de panelas e as histórias contadas por suas mães e avós, também paneleiras. Estas histórias vão também ao encontro às informações encontradas na bibliografia pesquisada (CAMILETTI, 2007; DOSSIÊ IPHAN 3, 2006; DIAS, 2006a; DIAS, 2006b; SIMÃO, 2008), acerca da evolução urbana do bairro e por consequência sua transformação espacial.

Conforme documentado em inúmeras publicações¹⁴ e, ainda, no dossiê que embasou o Registro do Ofício das Paneleiras como Patrimônio Cultural do Brasil, a produção das panelas de barro em Goiabeiras Velha acontecia no âmbito familiar e estava muito vinculado ao quintal das casas. Naquela época, antes do processo de expansão urbana de Vitória e urbanização de Goiabeiras, as paneleiras antigas entrevistadas nos descreveram que a maior parte das casas era construída de estuque em meio a grandes quintais, que por muitas vezes, por não apresentarem limites físicos, uniam-se uns aos outros. Segundo elas nos relataram, o bairro se configurava por grandes áreas livres, com forte relação com o manguezal e as variações de maré, e com poucas residências edificadas, bastante espaçadas umas das outras.

O quintal era um ambiente coletivo de produção das panelas e, sobretudo, palco de relações sociais, laços comunitários e da organização dos vínculos de parentesco. Conforme a família crescia, novas casas eram construídas no quintal. As etapas da produção eram intercaladas com as atividades domésticas e familiares, e desta forma a transmissão do saber acontecia de forma espontânea às novas gerações da família.

Em entrevistas, nos foi relatado que a ajuda mútua entre as paneleiras de diferentes famílias era bastante comum, principalmente durante as etapas de queima e açoitamento das panelas. Estas correspondem à etapa final da produção, considerado por muitas paneleiras como crucial, pois se a panela não for bem preparada, se rompe

¹⁴Camiletti, 2007; Dias, 2006a, 2006b; Simão, 2008.

durante a queima. A queima era realizada ao ar livre em fogueiras coletivas. Na descrição das panelas, semelhante ao que se pode observar nos dias de hoje, no passado era preparada a chamada “cama de madeira” sobre o chão de terra batida. Sobre a “cama de madeira”¹⁵, eram colocadas cuidadosamente as panelas prontas de diversas panelas para a queima, e por fim cobertas por partes menores de madeira. A panela quando queimada atinge uma coloração avermelhada e rapidamente é retirada do fogo com o auxílio de vara comprida de madeira, para evitar a proximidade com o calor. Na sequência, a panela ainda quente era açoitada com o tanino, utilizando a “vassourinha de muxinga”¹⁶. Segundo as panelas esta etapa, juntamente com o tipo específico de barro utilizado¹⁷, são os principais diferenciais com relação a outras panelas de barro produzidas no estado do Espírito Santo (BELAS et al. 2016).

Antes do processo de queima as panelas passam por diversas etapas e para cada etapa são utilizados utensílios específicos como, por exemplo, a cuité, a faca, o “arco” e a “pedra de rio”. Inicialmente a panela é modelada, para as panelas “levantada” ou “puxada”, e posteriormente passam por diversas etapas de acabamento intercaladas com etapas de secagem. Nas etapas de acabamento as imperfeições são raspadas, pequenos orifícios são preenchidos, e as peças recebem polimento e alças. Para as etapas de modelagem, de acabamento e o açoite, as panelas costumavam sentar-se no chão. Estas etapas da produção da panela de barro foram identificadas a partir de informações colhidas no material produzido pelos autores Camiletti (2007) e Nicole et al (2012) que também tratam da temática, e complementadas em campo juntamente com a pesquisadora Luciane Freitas da Silva, colega de equipe.

Cabe salientar que não eram utilizados equipamentos de proteção contra o calor excessivo e contra a própria fumaça originada da queima, o que provocava alguns acidentes e acarretava problemas de saúde. Alceli Rodrigues, panela ainda

15Estrutura em madeira empilhada, construída pelas panelas para separar as panelas do piso (barro batido) onde se realiza a queima (BELAS et al. 2016).

16Corresponde a um feixe de galhos de um arbusto encontrado nas proximidades do manguezal, unidos para a aplicação do tanino.

17Segundo Carla Dias, 2006^a, o barro utilizado pelas panelas de Goiabeiras tem na sua composição grande quantidade de silicato (areia). Sua propriedade antiplástica acelera a secagem e auxilia na modelagem.

em atividade e filha de Dona Melchíadia Rodrigues¹⁸, nos contou¹⁹ um grave acidente ocorrido em sua família. Quando a queima das panelas era feita ainda no jardim em frente à casa da família, sua irmã, na época com menos de dois anos de idade, caminhava pelo quintal quando caiu sobre as brasas da queima e se feriu gravemente. Com deformidade nas mãos, traz as marcas até hoje.

Antes de existir o Galpão, era neste ambiente que todas as paneleiras trabalhavam. Chegou a existir alguns galpões nos quintais, como por exemplo, o *Quintal da Dona Melchíadia* que abrigava a produção de diversas paneleiras e o *Galpão do Seu Arnaldo* no qual as paneleiras trabalhavam por contratação (DIAS, 2006a). Com aumento das famílias, e, portanto, do número de residências construídas no mesmo terreno, e a chegada de novos moradores a partir da expansão urbana que se iniciou em 1960, os quintais foram perdendo em extensão. A queima das panelas que inicialmente acontecia nos fundos das casas passou a ocorrer em frente, onde existiam apenas caminhos de terra. A urbanização trouxe o asfalto aos antigos caminhos, que aliado a uma maior concentração de residências, fez com que a queima passasse a receber reclamações dos moradores da vizinhança devido a fumaça gerada. A diminuição dos quintais e as reclamações da vizinhança foram algumas das questões que impulsionaram as paneleiras a reivindicarem um galpão à Prefeitura Municipal no final da década de 1980. No entanto a produção nas residências ainda permanece em número reduzido, conforme relatado a seguir.

O espaço original de produção adaptado à nova organização urbana e social do bairro

Seja por falta de espaço no Galpão, para acolher todas as paneleiras associadas à APG, seja por preferência de produzir as panelas no seu ambiente familiar, algumas paneleiras permanecem produzindo em suas residências. Elas justificam que desejam manter a tradição assim como suas antepassadas que lhe ensinaram o ofício; ou, ainda, devido à liberdade e tranquilidade de trabalhar em casa, onde podem alternar a produção com as atividades domésticas e familiares e

18Dona Melchíadia foi a primeira presidente da Associação (APG), sem eleição assumiu o cargo devido ao seu papel de liderança entre as paneleiras.

19Em entrevista concedida na sua residência, unidade de produção residencial em 30 de Setembro de 2015.

administrar pausas para descanso. O espaço mais amplo de suas residências é também, às vezes, apontado como aspecto positivo se comparado ao espaço encontrado no Galpão (BELAS et al., 2015a).

A produção residencial foi ofuscada pela imensa visibilidade do novo Galpão. A forte divulgação na imprensa local, aliada a sinalização turística nas ruas do bairro, facilitou o acesso de compradores ao Galpão, na mesma medida em que reduziu significativamente a renda das paneleiras que produzem e vendem em casa. Muitas se viram obrigadas a abandonar o ofício para buscar outra fonte de renda. Aquelas que permanecem no ofício se sustentam com o que conseguem ganhar com vendas por encomenda de antigos clientes, principalmente proprietários de restaurantes (BELAS; SILVA, 2015; BELAS et al., 2015a, 2015b).

Durante a atividade de pesquisa, entre o período de 29 de Outubro a 01 de Novembro de 2015, foram realizadas visitas a oito residências, correspondente a dezoito paneleiras, das quais catorze permanecem ativas na produção de painéis de barro. O ponto de partida foi uma numerosa lista com nomes de paneleiras, produzida pela Promoart em 2010. Porém, em trabalho de campo nos deparamos com uma realidade bem diferente daquela, pois constatamos que o número de paneleiras localizadas era menor do que o totalizado na lista da Promoart. Boa parte das paneleiras já havia falecido. Aquelas ainda vivas, passaram a trabalhar no Galpão, dividindo o box com algum familiar e outras deixaram de produzir para trabalhar em outra profissão. Todas as residências em que atualmente existem paneleiras em atividade – total de seis - foram visitadas. Além destas seis residências, estivemos em outras duas, que apesar de as paneleiras não estarem produzindo, tinham bastante conteúdo a acrescentar na pesquisa.



Imagem 5 – Mapeamento das panelas de residência a partir da pesquisa de campo.
 Fonte: INRC Panelas de Goiabeiras (2016).

A incursão a campo revelou uma configuração espacial muito semelhante entre elas, além de evidenciar as transformações ocorridas da década de 60 para os dias de hoje. Na verdade o termo mais correto seria “adaptações” visto que a essência da produção e toda a sua logística aparentemente permaneceu a mesma. A produção residencial de panelas de barro manteve-se íntegra, porém precisou se adaptar as novas configurações espaciais do bairro e as limitações físicas dos terrenos (BELAS et al., 2016).

O espaço de produção permanece vinculado ao quintal das famílias, porém, os grandes quintais de antigamente hoje se resumem a pequenos pátios. Eles em geral se localizam no interior dos terrenos, conformados e comprimidos por casas de familiares construídas em geral nas laterais do terreno e pelas edificações dos vizinhos, também edificadas junto à extrema, conforme pode ser visto na Imagem 5. A casa inicial da família, construída em estuque, hoje já não existe mais e foi substituída por casas de alvenaria, de um ou dois pavimentos, pertencentes aos filhos e netos da paneleira matriarca, conforme os novos núcleos familiares se ampliaram.



Imagem 6 – Vista panorâmica do quintal de Alceli Rodrigues. O pátio é compartilhado com os seus irmãos que também produzem panelas de barro.

Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Panelleiras de Goiabeiras (2016).

A presença de vegetação é rara na maior parte dos casos, pois o pequeno espaço que restou dos terrenos, após a intensa urbanização do bairro, com a chegada de novos moradores e o crescimento das famílias, é hoje ocupado pelos locais de modelagem, secagem e queima das panelas, guarda de utensílios, estocagem de panelas prontas e de armazenamento de matérias-primas como a madeira e o barro. Mesmo a vegetação gramínea não está presente, predominando na maioria dos casos o chão de terra batida em todo o quintal, concedendo um aspecto árido e arenoso ao local, conforme pode ser observado nas fotografias acima.

As estruturas utilizadas para as etapas de produção são bastante simples, costumam utilizar coberturas em fibrocimento e aproveitar materiais de construção para adaptar armários e prateleiras conforme a necessidade, conforme pode ser visualizado na Imagem 7. Estas estruturas costumam ser edificadas junto ao limite do terreno, liberando um pequeno pátio no interior do lote. Cada panelleira e artesão da família costuma ter seu próprio local de produção. Protegido do sol é uma espécie de pequeno galpão aberto, onde guardam seus utensílios pessoais, a “vassourinha de muxinga” e o tanino, as panelas prontas para a venda e onde fazem as etapas de raspagem e polimento da panela de barro.

O depósito de barro, normalmente localizado junto ao muro, constitui-se de uma espécie de tanque de alvenaria coberto com lona ou guarda-sol para evitar o ressecamento do barro, conforme mostra a Imagem 8. Já a madeira é empilhada no terreno sem nenhum tipo de ordem ou proteção (Imagem 5 ao fundo). Tanto o barro quanto a madeira costumam ser de uso de toda a família que produz no quintal. No quintal é fácil de identificar o local da queima, pelos vestígios de fogueiras deixados. Esta etapa também costuma ser coletiva. Como os quintais são pequenos todas essas

atividades acontecem muito próximas umas das outras e das casas dos familiares do terreno e dos vizinhos, o que acaba gerando reclamações acerca da fumaça que a queima produz (BELAS et al., 2016).



Imagem 7 - Fachada da casa de Sonia Ribeiro, com destaque para as placas utilizadas por ela para identificação da venda de panelas de barro.
Autoria: Simone Campos Pires
Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).



Imagem 8 - Depósito e produção de panelas de barro na casa de Jucileida Barboza e Dona Conceição Gomes Barboza.
Autoria: Simone Campos Pires
Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).



Imagem 9 - Depósito de barro de Dona Janette Alves Rodrigues.
Autoria: Simone Campos Pires
Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).

As etapas de modelagem e acabamento da panela são realizadas diariamente, intercalas com as funções familiares como o preparo do almoço, a pausa para o café da tarde e a condução das crianças até a escola. Já os processos de queima e açoite acontecem conforme o ritmo de produção daquela semana, normalmente uma ou duas vezes por semana.

No caso das paneleiras de residência, a transmissão do saber ocorre mais facilmente visto que os familiares convivem com o ofício desde a sua infância, porém, as paneleiras revelam a falta de interesse dos jovens em perpetuar o ofício, muito devido às dificuldades já apontadas pelas paneleiras em atividade hoje. Além da falta de visibilidade e identificação²⁰ das unidades de produção residencial que interfere tanto na comercialização de panelas quanto na autoestima das paneleiras, outras dificuldades foram apontadas por elas: o acesso ao barro que agora chega até o Galpão por intermédio dos “tiradores de barro” e já é disputado pelas paneleiras que trabalham no próprio galpão; o encarecimento do tanino; a falta de padronização nos preços de venda das panelas e; a falta de uma política diferenciada para distinguir as panelas de Goiabeiras das panelas produzidas em outras localidades do Espírito

²⁰Nas visitas às unidades de produção residencial observou-se que existe um esforço de identificar a produção e venda de panelas de barro, visto que a sinalização turística no local indica apenas o Galpão da APG. Cada paneleira faz a identificação a sua maneira, utilizando placas e setas, conforme mostra a Imagem 6.

Santo²¹, que utilizam da notoriedade das panelas de Goiabeiras para comercializar suas panelas (BELAS et al., 2016).

As unidades de produção residencial pesquisadas seguem a mesma tipologia funcional exibida nos croquis abaixo, apresentando poucas variações na sua distribuição espacial. A disposição dos espaços de produção varia de acordo com a dimensão dos terrenos e o número de casas de familiares presentes. Os croquis foram desenvolvidos a partir das visitas nas unidades.

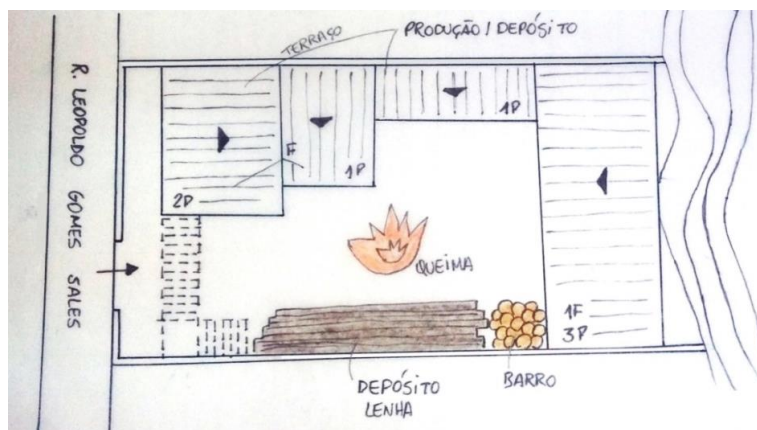


Imagem 10 - Croqui do agenciamento do espaço da Unidade de Produção Residencial de Alceli Rodrigues.

Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Panelas de Goiabeiras (2016).



Imagem 11 - Croqui do agenciamento do espaço da Unidade de Produção Residencial de Sônia Ribeiro.

Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Panelas de Goiabeiras (2016).

²¹Em Cariacica, Guarapari, São Mateus e Vila Velha também são produzidas panelas de barro, porém, diferentemente das panelas produzidas em Goiabeiras, não receberam o registro de patrimônio cultural do Brasil. Dentre as diferenças existentes, é possível citar a utilização de tornos e fornos na produção nessas localidades enquanto que em Goiabeiras além de não ser utilizado o torno, a queima das panelas é feita em fogueiras ao ar livre.

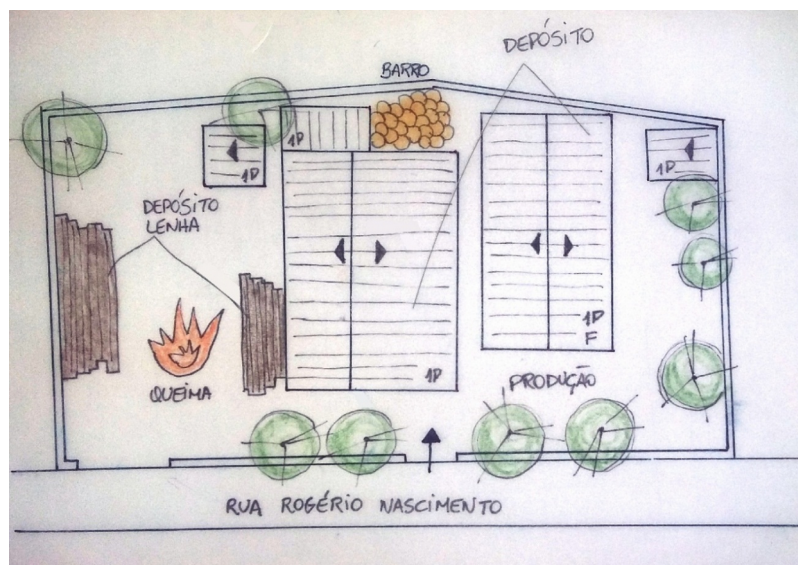


Imagem 12 - Croqui do agenciamento do espaço da Unidade de Produção Residencial de Dona Janette Alves Rodrigues . Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).

O espaço de produção constituído no Galpão da APG

Os conflitos gerados entre vizinhos devido à queima das panelas na rua ou mesmo dentro dos quintais, e a redução do espaço original de produção fizeram com que algumas paneleiras sentissem a necessidade de ter um espaço coletivo de produção que as permitisse manter o ofício. Neste momento as paneleiras passaram a reivindicar a construção de um galpão à Prefeitura Municipal de Vitória, ao mesmo tempo em que um grupo de paneleiras, incentivado e apoiado por figuras políticas, fundavam a Associação Paneleiras de Goiabeiras, em 25 de Março de 1987. A reivindicação pelo galpão foi atendida um ano após a criação da Associação. A estrutura do galpão além de precária, sofria com as variações da maré e com constantes alagamentos devido a proximidade com o manguezal. O galpão foi reformado pela Prefeitura em 1992, que na mesma ocasião ampliou a área de aterro e legalizou o terreno. Em 2009 as paneleiras ficaram instaladas em um galpão provisório, localizado ao lado do campo de futebol da comunidade, até que um novo Galpão fosse construído. Em 24 de novembro de 2011 o novo e atual Galpão foi entregue à APG pela Prefeitura (BELAS et al., 2016; CAMILETTI, 2007; DIAS, 2006a, 2006b; GAZETAONLINE, 2009; NICOLE ET AL, 2012; RODRIGUES, 2012).

O atual Galpão está localizado na esquina da Rua das Panelleiras com a Rua Silvana Rosa, no Bairro Goiabeiras (Imagem 12). Segundo o Manual do Usuário feito pela Atlas Engenharia e Incorporações Ltda, quem o projetou e executou, é constituído de uma área de 937,69 m². O Galpão foi edificado sobre área de aterro do manguezal da região e por tratar-se de terreno de marinha pertence à União. A edificação é de propriedade da Prefeitura e tem formalmente como responsável a APG. As ruas de acesso ao Galpão são bastante largas, porém apresentam calçadas estreitas e não tem boa drenagem, constatado pela formação de poças d'água após dias de chuva. Entretanto, o Galpão é de fácil acesso e bem localizado. Fica próximo à Avenida Fernando Ferrari, à Universidade Federal do Espírito Santo e a poucos quilômetros do Aeroporto de Vitória (BELAS et al., 2016).

O Galpão é um grande pavilhão de estrutura metálica modular. A escolha por este tipo de estrutura provavelmente se deu pelo fato de ser facilmente montável, desmontável e reaproveitável, características relevantes visto que a Prefeitura construiu a edificação sobre terreno de marinha, pertencente à União. De leitura contemporânea, e com cores vibrantes na fachada principal, o pavilhão é um grande espaço térreo, cujo pé-direito elevado permitiu o aproveitamento de um mezanino acessado por rampa interna. O térreo é acessado por dois portões largos, situados em cada uma das fachadas que constitui a conformação da edificação em esquina.



Imagem 13 – Vista Panorâmica a partir da esquina da Rua das Panelleiras com a Rua João Gomes Lorêto onde está localizado o Galpão da Associação da Panelleiras de Goiabeiras. Junto ao manguezal à direita, ao fundo, está o local de estocagem de madeira, queima e açoite das panelas de barro. Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Panelleiras de Goiabeiras (2016).

No projeto foram adotadas algumas soluções que oferecem melhor conforto térmico e para melhor utilização da iluminação natural. Os fechamentos, também em estrutura metálica, são elementos vazados que permitem tanto a entrada de luz quando a ventilação natural. O pé-direito elevado, a escolha dos materiais e o

desnível proposto entre as duas águas do telhado que cobre toda a estrutura também contribuem para os ganhos citados.

O espaço do térreo divide diversas funções, das quais duas delas prevalecem: a produção das panelas de barro, e a venda que acontece simultaneamente com a visita de turistas e clientes. São 32 boxes distribuídos de forma linear, de forma a constituir grandes corredores por onde circulam os visitantes, conforme pode ser observado na Imagem 13. O box tem em média 8,40 m² e é utilizado por uma paneleira/artesão fixo, salvo os casos em que duas paneleiras/artesãos dividem um mesmo box. Os boxes, também chamados de “quartinhos”, “quadrados” e “cômodos”, são padronizados. Dentro do box a paneleira tem um armário para guarda de materiais, algumas bancadas, bancada com pia e expositor para as panelas que se encontram prontas para a venda. É neste espaço que a paneleira deve produzir as panelas de barro, comercializá-las e armazenar materiais e utensílios utilizados na produção. A Imagem 14 mostra a conformação de um box padrão em fotografia e a Imagem 15 em Planta Baixa.



Imagem 14 - Espaço interno do Galpão com vista superior dos boxes a partir do mezanino. Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).



Imagem 15 - Estrutura padronizada do box. Armário, bancadas lateral e frontal, pia e suporte para exposição das peças a venda. Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).

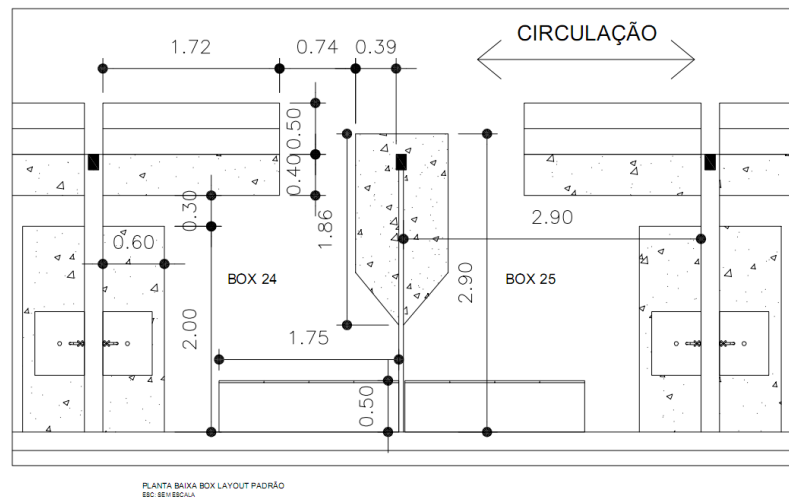


Imagem 16 - Planta Baixa com Layout do Box Padrão.

Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).

Além dos 32 boxes, estão dispostos também no térreo uma pequena sala destinada a APG, banheiros, copa, balcão de informações turísticas da Prefeitura, armários baixos nominados para guarda do barro e cuja bancada também é utilizada para secagem de panelas, e o espaço de preparação do barro. O mezanino constitui-se de um grande ambiente livre, projetado para abrigar um restaurante de comida capixaba. Apesar de o restaurante nunca ter funcionado, existe uma estrutura montada, com banheiros, cozinha e uma varanda com vista para o Manguezal de Goiabeiras. Segue abaixo a Planta Baixa do térreo e do mezanino do Galpão da APG.

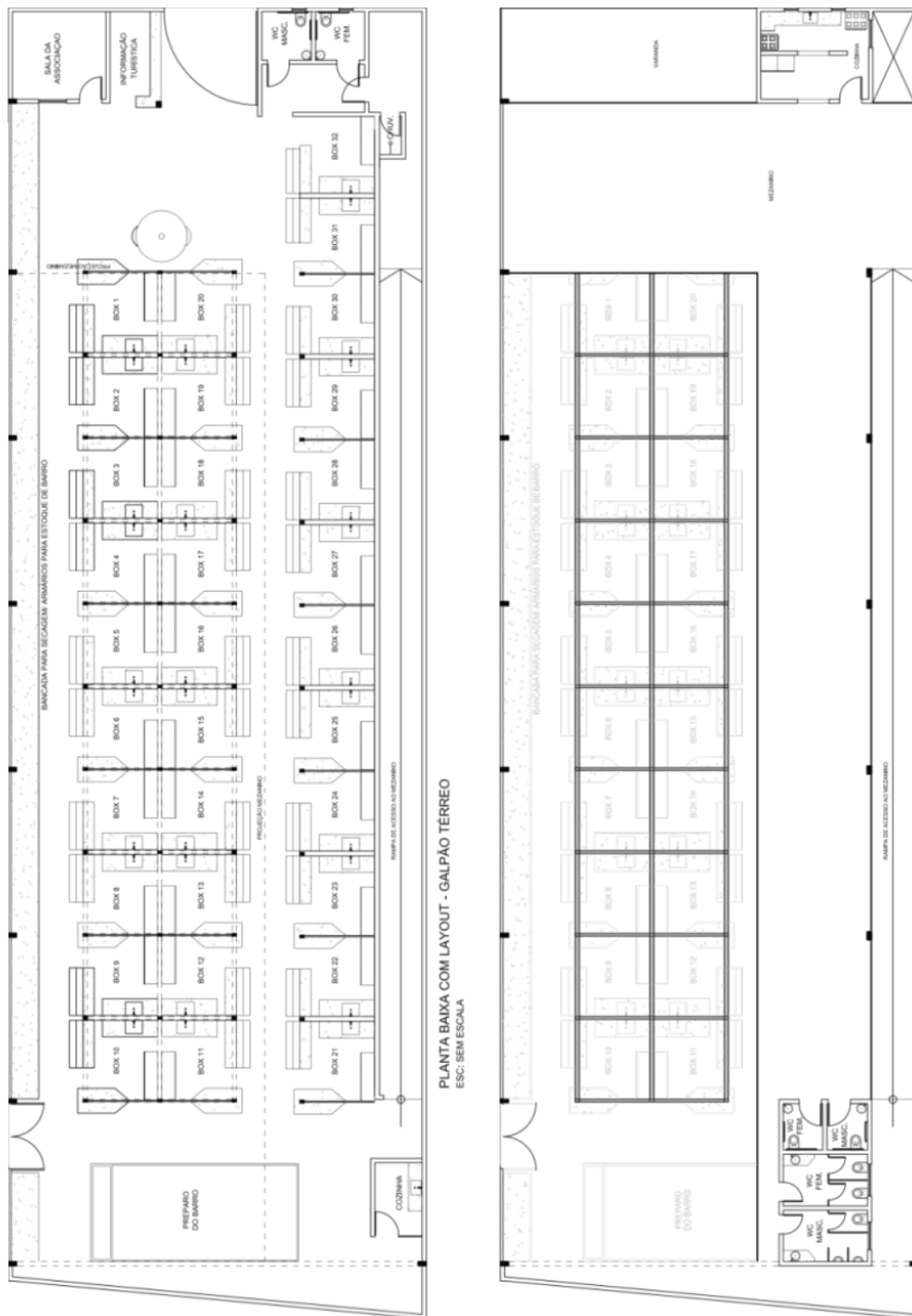


Imagem 17 - Levantamento realizado no âmbito da pesquisa da Planta Baixa do Galpão da APG. Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).

A produção das telhas não se limita ao espaço interno do Galpão. Algumas atividades são desenvolvidas externamente, seja por falta de espaço, seja por exigência da própria etapa. Frequentemente as telhas desenvolvem externamente as etapas de secagem, alisamento para correção de imperfeições, polimento das

panelas e a soca da casca do mangue. A falta de espaço dentro do galpão obriga adaptações para tais atividades, que costumam ser desenvolvidas sobre as calçadas ou em bancos de madeira improvisados. As etapas de queima e açoite das panelas precisam, obrigatoriamente, se desenvolver ao ar livre. O espaço que se destina a tais atividades localiza-se do outro lado da rua, às margens do manguezal. A madeira utilizada na queima é doada por empresas da região. Costuma ser despejada no local desordenadamente, e devido ao seu aspecto acaba sendo utilizado como depósito de entulho por pessoas mal informadas ou oportunistas, prejudicando o trabalho de seleção das madeiras a serem utilizadas para a queima. Um telheiro bastante simples serve de apoio para atividade, principalmente para a etapa de açoite do tanino sobre a panela recém-tirada do fogo. O mapa abaixo ilustra a distribuição das atividades que ocorrem nos arredores do Galpão da APG.



Imagem 18 - Esquema da Implantação do Galpão da APG e etapas da produção das panelas de barro que ocorrem no entorno.

Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Paneleiras de Goiabeiras (2016).

Além da falta de espaço para o desenvolvimento das diversas etapas de produção (desconsiderando as etapas de queima e açoite que precisam ser feitas ao ar livre), o Galpão apresenta diversos problemas técnicos e funcionais. Não foi possível verificar se os problemas foram de projeto ou de execução. O Galpão enfrenta sérios problemas no seu sistema hidrosanitário. A falta de água nos banheiros é constante e

o sistema de ralos é falho, tanto nas pias de dentro dos boxes quanto nos ralos de piso ao longo do térreo. O trabalho com o barro exige condições específicas para o bom funcionamento do sistema de recolhimento de água utilizada tanto na limpeza do local quanto durante a produção e deveria ter sido uma premissa a ser considerada no projeto. Os entupimentos impedem as paneleiras de realizar a boa limpeza do local e tumultuam o trabalho diário. É comum verificar a utilização de baldes para armazenar água a ser dispensada após a sua utilização durante a produção.

As paneleiras/artesãos reclamam da falta de espaço de uma maneira geral. Dentro de cada box são verificadas adaptações, cadeiras encaixadas no espaço diminuto livre, e prateleiras improvisadas. A atividade que costumava ser realizada sentada agora é feita de pé, na sua maioria. Alguns equipamentos como carros de mão e caixas utilizadas para as grandes encomendas de painéis ficam dispersas pelos corredores e na copa. Enquanto isso foi verificada a presença de grandes vazios inutilizados, como o caso do espaço abaixo da rampa e o mezanino.

Processos de corrosão e degradação do material metálico são preocupantes visto que comprometem a segurança dos usuários e impõe certas limitações de uso. O estado de degradação da varanda do mezanino é tamanho que durante a pesquisa o local estava interditado. São complicações que espantam, considerando a pouca idade da edificação. O mezanino apresenta uma área enorme e permanece sem uso (Imagem 18). O restaurante não entrou em funcionamento por outras questões, porém constatou-se que a cozinha projetada é muito pequena para receber o uso programado. O espaço já foi utilizado para oficinas conferidas por algumas paneleiras a turmas de alunos das escolas de Vitória. Reclamações por conta do barulho interromperam a continuação da atividade no local.



Imagem 19 – Vista panorâmica do mezanino, atualmente sem utilização.

Autoria: Simone Campos Pires Fonte: INRC Panelleiras de Goiabeiras (2016).

A estrutura do Galpão permite felizmente a ventilação e o uso de iluminação natural, porém, seu aspecto vazado também permite a entrada de fumaça proveniente da queima de panelas que ocorre na área externa do galpão, ocasionando forte odor e provocando desconforto e ardência nos olhos. Além de todos os problemas técnicos e operacionais elencados, a maneira como os boxes estão dispostos transforma o aspecto coletivo que a atividade costumava ter nos quintais. O momento de convivência entre as panelleiras durante a produção de panelas é dificultado pela nova situação. Os espaços individuais de produção estão distribuídos lado a lado e de costas para os demais. A atenção da panelleira/artesão está voltada para a sua produção pessoal e para o visitante/cliente que passa pelos corredores no processo de admiração do trabalho e escolha do produto, como em um grande mercado comum. Ainda existe relação de amizade e parentesco entre as panelleiras/artesãos, porém se existe um clima de competitividade entre eles dentro do Galpão.

Atualmente as panelleiras e os artesãos se identificam com o seu local de trabalho, o Galpão. Foi necessário adaptações no ritmo de trabalho e mesmo no processo de produção de panelas de barro, devido à configuração do Galpão. O mercado, que cresceu com a visibilidade alcançada pelas panelas de barro de Goiabeiras, também regulou todo o processo de adaptação. A visibilidade conquistada pelas panelas, consideradas hoje um grande símbolo do estado do Espírito Santo, deu-se em função da criação do APG, do registro do ofício como patrimônio cultural nacional e também da construção do Galpão na forma como foi concebido, um ponto turístico de Vitória o qual recebe constantemente visitantes e dá um ritmo de trabalho todo distinto à atividade.

Considerações finais

O contato direto com as panelleiras e com os artesãos de Goiabeiras possibilitou entender que além de existirem espaços distintos de produção, esta variação também representa modos de vida dos detentores. Isto porque o ofício, que se tornou sua fonte de renda, está diretamente ligado a dinâmica do seu cotidiano.

Observando, quando o ambiente de trabalho não é a própria residência da família, está próximo a ela.

É verdade que hoje existe instituído uma Associação que une as paneleiras e artesãos formalmente, mas são as histórias semelhantes de vida, o local onde moram, os laços de parentesco e o saber fazer panela de barro a sua maneira, que os aproxima. Mesmo abalados pela competição mercadológica e pela aceleração no ritmo de trabalho são vínculos permanentes, exercitados espontaneamente em momentos de defesa, preocupação ou reivindicação.

As paneleiras e os artesãos compartilham de preocupações comuns como as dificuldades de acesso as matérias-primas e a preocupação com a transmissão do saber. E cada uma enfrenta os problemas referentes ao seu espaço de produção. As paneleiras e os artesãos de residência se queixam da falta de visibilidade enquanto as paneleiras/artesãos do galpão lamentam a falta de espaço e os problemas da estrutura física do local.

Se por um lado o Galpão foi positivo para a manutenção do ofício frente ao contexto de expansão do bairro e o espaço hoje menor dos quintais, por outro, foi determinante para uma nova forma de socialização, sobretudo por imprimir uma nova dinâmica de produção e por proporcionar mais visibilidade para as paneleiras e para os artesãos que trabalham no local (BELAS; SILVA, 2015; BELAS et al., 2015a, 2015b).

Sobre essa última mudança, vale destacar as críticas levantadas pelas paneleiras que mantêm o ofício nas residências. Segundo elas, apenas as paneleiras do Galpão possuem visibilidade junto aos turistas e comerciantes, pois contam com o apoio privilegiado das ações de incentivo e apoio pelos poderes públicos. Na opinião de algumas, a exclusão das paneleiras de residência, também conhecidas como paneleiras de quintal, das ações do poder público e divulgação na mídia, torna o trabalho que realizam clandestino aos olhos do grande público. Este ou desconhece a existência delas, ou não faz ideia de que são igualmente associadas à APG (BELAS; SILVA, 2015; BELAS et al., 2015a, 2015b). As próprias placas improvisadas expostas na frente de muitas residências para atrair compradores contribuem para a desvalorização comercial dos produtos.

Inicialmente fechado aos domingos, hoje o Galpão é aberto todos os dias da semana, incluindo sábados e domingos. A maior parte das paneleiras e dos artesãos

trabalha de segunda a segunda e hesitam em parar sua produção para participar de reuniões, inclusive da própria Associação. As mudanças provocadas pela nova estrutura produtiva das paneleiras, que passaram a trabalhar no Galpão, não afetaram as técnicas de produção tradicionais existentes em Goiabeiras Velha. Houve sim, maior divisão do trabalho, fato que já costumava existir quando algumas tarefas eram divididas entre familiares. Aos poucos, passaram a existir as figuras da “lisadeira” (pessoa que só executa a etapa de segundo acabamento), “socadeira” (pessoa responsável por socar a casca do mangue-vermelho para a produção da tinta), tiradores de barro, preparadores de barro e casqueiros (pessoas que extraem a “casca do mangue” e vendem às paneleiras). A queima permanece a céu aberto e sem que as paneleiras façam uso de equipamentos de produção tal qual antigamente. O surgimento da figura do próprio artesão também é parte dessa transformação (BELAS et al., 2016).

A panela de barro se tornou símbolo do estado no cenário nacional. Ainda que haja competição mercadológica, já apontada por Dias (2006a) e Rodrigues (2012) e perceptível dentro do Galpão, que a demanda pelas panelas aumentou, mas não interferiu no processo artesanal de produção. A demanda aumentou muito devido às políticas públicas, como o próprio registro do Iphan, que garantiram um nicho de mercado às panelas e ampliaram a visibilidade do modo de fazer e por consequência do produto. Com o aumento da demanda e de encomendas numerosas o que tem acontecido é a terceirização de algumas etapas da produção, porém, esta divisão de tarefas já acontecia ainda que no ambiente familiar como uma forma de auxílio e de transmitir aos poucos o ofício.

Um grande dano de todo esse processo de transformação relativo ao espaço de produção foi a perda do espaço de sociabilidade, tão comum na época de Goiabeiras Velha. Durante a pesquisa de campo ficou expressa a nostalgia e a saudade da época em que a socialização e a troca de experiências aconteciam naturalmente enquanto produziam as panelas de maneira coletiva, junto a um mesmo quintal ou a uma mesma fogueira de queima. O Galpão é um espaço de produção e venda individual, ao mesmo tempo em que as paneleiras de residência, que atualmente estão isoladas umas das outras devido à nova configuração urbana, também não praticam a coletividade de outrora.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. W. B.; SIMAO, L. M. ; BENTO, J. A. R.; RODRIGUES, M. A. *Cartografia social dos ofícios tradicionais e das expressões culturais de Goiabeiras Velha - ES*. Vitória: Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil/ UEA Edições, 2010. 12 p.

ALMEIDA, J. R.; SUGUIO, K. Caracterização geoambiental dos manguezais brasileiros e suas potencialidades para o ecoturismo. *Revista Nordestina de Ecoturismo*, Aquidabã, v. 4, n. 1, p. 5-19, 2011.

BELAS, Carla A. & SILVA, Luciane Freitas da. *Relatório de atividades de campo: julho a setembro de 2015*. Vitória: Iphan, 2015.

BELAS, Carla A.; PIRES, Simone Campos; SILVA, Luciane Freitas da; MAGALHÃES, Yuri Batalha. *Inventário de referências culturais do ofício das paneleiras de Goiabeiras*. Vitória: Iphan, 2016.

BELAS, Carla A.; PIRES, Simone Campos; SILVA, Luciane Freitas da; MAGALHÃES, Yuri Batalha. *Diagnóstico sociocultural: ofício das paneleiras de Goiabeiras*. Vitória: Iphan, 2015a.

BELAS, Carla A.; PIRES, Simone Campos; SILVA, Luciane Freitas da; *Organização e análise dos dados da 1ª fase de pesquisa etnográfica*. Vitória: Iphan, 2015b.

CAMILETTI, G. G. *Modernidade e tradição esculpidas no barro: uma reflexão da Associação Paneleiras de Goiabeiras*. Dissertação (Mestrado em Administração no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas) - UFES, Vitória/ES, 2007. 164 f.

DIAS, C da C. *Panela de barro preta: a tradição das paneleiras de Goiabeiras*, Vitória – ES. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec, 2006a.

DIAS, C. da C. Ser paneleira não é brincadeira: estratégias de associação política na construção de uma categoria profissional. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 64, n. 3, jul./set. 2006b.

DOSSIÊ IPHAN 3 (2006). *Ofício das paneleiras de Goiabeiras*. – Brasília, DF: Iphan, 2006. 70 p.: il. color, 25 cm. – (Dossiê Iphan; 3) isbn 85-7334-031-2. Bibliografia: p. 54-58. 1. Patrimônio Cultural. 2. Patrimônio Imaterial. 3. Paneleiras-ofício. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Série. Iphan/Brasília-DF.

FUKUDA, Raquel Franzan; GOMES, Caroline Faria; SANTOS, Evandro Rosa Rodrigues dos; RODRIGUES, Luiz Henrique; MARQUES, Marcelo de Souza. *Quarto produto de pesquisa - terceiro relatório técnico*. Vitória: Iphan, 2014.

FUKUDA, Raquel Franzan; GOMES, Caroline Faria; SANTOS, Evandro Rosa Rodrigues dos; RODRIGUES, Luiz Henrique; MARQUES, Marcelo de Souza. *Relatório técnico final - identificação dos bens culturais no município Vitória (bairro Goiabeiras)*. Vitória: Iphan, 2015.

GAZETAONLINE. *Panelleiras ganham galpão provisório para 'arrumar a casa'*. 2009. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2009/04/79493-panelleiras+ganham+galpao+provisorio+para+arrumar+a+casa.html>. Acesso em 06 de junho de 2016.

GRIFFO, CLS; SILVA AG. *As Unidades de Conservação do município de Vitória no novo contexto do Sistema Nacional de Unidades de Conservação*. ESFA [on line] <http://www.naturezaonline.com.br/>. 2013. 14 p.

IPHAN. *Caixas Arquivo - Panelleiras de Goiabeiras*. Documentos avulsos utilizados para o registro do ofício das panelleiras de Goiabeiras como Patrimônio Cultural do Brasil em 2003.

IPHAN. *Diagnóstico PromoArt: Cerâmica de Goiabeiras*. Formulários de campo contendo dados dos artesãos e panelleiras. Vitória, 2010.

NICOLE, B. C; NASCIMENTO, J. C.; MARQUES, M. S.; COSTA, M. H. T.; PEREIRA, P. H. M.; PRADO, R. V.; CALOTI, V. A. (Graduandos em Ciências Sociais – UFES). As panelleiras de Goiabeiras e a arte de fazer panela de barro - Ensaio etnográfico sobre a cultura do barro. *Revista Simbiótica*, UFES, v. ún., n. 01, 37 p, Junho/2012.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000*. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, 2000.

RODRIGUES, F. F. R. *Sustentabilidade e educação ambiental: processos culturais em comunidade*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES, 2012. 195f.

RODRIGUES, Luiz Henrique. Transmissão cultural e mercantilização: uma etnografia da produção e comercialização de panelas de barro pelas panelleiras de goiabeiras. Publicado em Periódicos UFES – *Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES*. v. 1, n. 1, 2011.

SEBRAE. Catálogo de indicação geográfica panelleiras de Goiabeiras Vitória/ES. In: *projeto SEBRAEtec-ES: indicações geográficas SEBRAE/ES*. SEBRAE: Vitória, 2011.

SIMÃO, L. M. *A semântica do intangível: considerações sobre o registro do ofício das panelleiras do Espírito Santo*, 2008. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal Fluminense – Niterói, 2008.

Recebido em 10 de novembro de 2016

Aprovado em 20 de dezembro de 2016